

**DISCUTINDO ESPAÇOS PÚBLICOS DE CIDADES DO NORTE MINEIRO:
DIFERENCIAIS TEÓRICOS E SUAS PRODUÇÕES PARA UMA COMPREENSÃO
GEOGRÁFICA¹**

**DISCUSSING PUBLIC SPACES OF CITIES IN THE NORTH MINAS GERAIS:
THEORETICAL DIFFERENTIALS AND THEIR PRODUCTIONS FOR A
GEOGRAPHICAL UNDERSTANDING**

**Carlos Alexandre de Bortolo²
Maria Vitória Xavier Dias Rocha³**

Resumo: As cidades contemporâneas, assim como os espaços públicos, sofreram modificações em sua estrutura econômica, física e espacial com o passar dos anos. O presente trabalho analisa o contexto histórico e atual dos espaços públicos, sem adentrar nas novas ocupações dos mesmos, a partir dos delineamentos dispostos, a esfera pública literária e burguesa de Habermas, os espaços públicos contemporâneos e da dicotomia dos espaços públicos e privados. Buscou-se um aprofundamento conceitual sobre a temática para futuros estudos e versando sobre possíveis realidades de espaços públicos do Norte Mineiro. É perceptível no cenário atual, diferentes morfologias de espaços públicos, e uma recorrente desapropriação dos mesmos, em virtude de vários fatores externos, como a violência, o consumo e novos espaços privatizados como espaços de lazer, dentre outros.

Palavras-chave: Produção, Espaços Públicos; Sociedade; Esfera Privada, Norte Mineiro.

Abstract: The contemporary cities, as well as public spaces, have undergone changes in their economic, physical and spatial structure over the years. The present work analyzes the historical and current context of the public spaces, without entering into the new occupations of the same ones, from the arranged delineations, the public literary and bourgeois sphere of Habermas, the contemporary public spaces and the dichotomy of public and private spaces. It was sought a conceptual deepening on the theme for future studies and discussing possible realities of public spaces in the North of Minas Gerais. Different morphologies of public spaces are perceptible in the present scenario, and a recurrent expropriation of them, due to several external factors, such as violence, consumption and new privatized spaces as leisure spaces, among others.

Keywords: Production, Public Spaces; Society; Private Sphere, North of Minas Gerais.

¹ Artigo é resultado de discussões e elementos temáticos da pesquisa: A DINÂMICA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CIDADES DO NORTE MINEIRO coordenada pelo professor Dr. Carlos Alexandre de Bortolo com a resolução de número 036/2016 pelo CEPEX.

² Professor Adjunto Doutor na Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: carlos.bortolo@unimontes.br

³ Professor da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: unimontes.vitoriaxavier_dias@hotmail.com

Introdução

Os espaços públicos, bem como o espaço urbano, são dotados de complexidades e processos históricos que os caracterizam, os quais, acompanharam as mudanças políticas, econômicas e sociais no decorrer do processo de formação das cidades. Para adentrar no processo histórico, o presente trabalho busca conceituar os espaços público a partir de concepções dos autores Habermas (1984/2003) e para as novas perspectivas e conceituação dos espaços públicos contemporâneos a partir dos autores Jacobs (1961); Jodelet (2002); Arendt (2005); Serpa (2007); Monteiro (2008); Oliveira e Fernandes (2011); Kritsch (2011); e Gehl (2013).

Por apresentar uma complexidade conceitual, os espaços públicos possuem diversas definições. Ferrari (2004, p.219) os define como “qualquer área urbanizada inalienável, sem edificação e destinada ao uso comum ou especial dos munícipes, como praças, parques, ruas, jardins, largos, etc.”, porém, sua abordagem não abrange os significados e apropriações destes espaços, discutidos por outros autores. Segundo Silva (2009, p.15) “Pensar em espaço público apenas como oposição ao espaço privado é simplificar demasiadamente a questão. Da mesma forma, considerar o status jurídico do termo não abrange toda a sua complexidade.”

A noção de espaços públicos é uma herança da civilização grega, que a partir do conceito de democracia, igualdade e reciprocidade entre os cidadãos criou um espaço para domínio coletivo público, a *àgora*, onde os homens iguais e livres podiam se encontrar a qualquer momento.

A partir da Idade Média, a organização espacial é fragmentada com base nas hierarquias sociais dentro dos feudos, suprimindo o caráter de igualdade estabelecido pelos gregos. O regime feudal predominante na época foi se extinguindo devido aos avanços das relações econômicas do mercado, fazendo necessário novas formas de administração da sociedade.

O presente trabalho buscou estabelecer o contexto histórico e atual dos espaços públicos, sem adentrar nas novas ocupações dos mesmos, realizando-se um aprofundamento conceitual sobre a temática para futuros estudos.

A pesquisa tem caráter bibliográfico e exploratório, com objetivo de ampliar a base e conhecimento acerca do tema espaços públicos. Segundo Ferreira, (2009) todo conhecimento

científico precisa ser difundido para o crescimento da ciência. Com esta pesquisa, buscou-se o aprofundamento do processo de transformação dos espaços públicos a partir de alguns conceitos consolidados cientificamente.

A esfera pública literária e burguesa de Habermas

Para Habermas (1984), a esfera pública burguesa surgiu a partir dos conflitos entre o Estado e a sociedade. É possível detectar uma visão classicista do autor, quando aponta a esfera pública especificamente burguesa, como apresenta Silva (2001, p. 10):

(...) a principal razão por detrás desta escolha/exclusão foi a predominância alcançada pela variante burguesa da esfera pública: uma predominância que “...exclui a esfera pública plebeia como uma variante que, em certo sentido, foi suprimida no curso do processo histórico.”

A esfera pública burguesa é fruto de um processo histórico inicialmente apolítico, que se tornou político, possuindo como antecessor a esfera pública literária, onde aconteciam encontros com os herdeiros da sociedade em salões, cafés, sociedades culturais. Segundo Habermas (1984), estes ambientes eram palco de discussões e sociabilidade, onde as publicações de jornais faziam parte dos assuntos destes locais. O declínio da esfera pública literária ocorreu no cenário de produção e consumo, que resultou em um raciocínio acrítico.

Para Silva (2001, p.32) “o raciocínio crítico transforma-se em consumo passivo à medida que as leis do mercado, que governam a esfera privada do trabalho, passam também a dominar a esfera privada das pessoas privadas enquanto público. ”, de forma que a esfera pública perde seu caráter racional político crítico, para aliar ao consumismo cultural⁴.

Ainda de acordo com Silva (2001) houve uma mudança na estrutura da família patriarcal, e esta que fazia leitura de livros e revistas e consumia criticamente a cultura, passou a consumir bens comerciais de forma passiva e acrítica, onde a crítica foi substituído pela manipulação; também apresentado por Martins (s.d.) como “superficialização do debate

⁴ O termo consumismo cultural, apresentado por (SILVA, 2001) está relacionado à perda da crítica burguesa que constituía a esfera pública literária, na qual passou a partir do séc. XX consumir de forma não crítica onde os debates, conferências, seminários, passaram a ser utilizados a favor da sociedade de consumo.

público e da política, processo para o qual colaboram as técnicas da propaganda e do marketing”.

Embora Habermas (1984) acredite na função mediadora da esfera pública burguesa entre a sociedade e o Estado, Marx contrapõe esta ideia, dizendo que este caráter é muito reducionista, pois a opinião pública tem por detrás outros interesses, sendo ela uma “falsa consciência que esconde o verdadeiro interesse da classe burguesa” (OLIVEIRA, 2010, s/p)

Espaços públicos contemporâneos

A partir deste processo histórico apresentado, é possível entender e analisar os espaços públicos contemporâneos. Entende-se por período contemporâneo conforme Jodelet (2002, p.33): “a contemporaneidade é, então, definida pela extensão do tecido urbano, pela multiplicação dos transportes e das comunicações, pela uniformização das referências culturais e pela planetarização das referências da informação e da imagem”. Enquadra-se também nesse conceito, os espaços públicos contemporâneos, que apresentam esvaziamento e perda de identidade, assim como a espetacularização e publicidade, possibilitando novas ressignificações e apropriações.

Atualmente, as cidades contemporâneas dispõem de diferentes morfologias de espaços públicos, ou até mesmo a escassez destes. A partir de um conceito despretensioso, é possível definir os espaços pelo seu grau de acessibilidade físico e social, onde espaços públicos são abertos, semiabertos ou privados fechados. Porém, não podemos negligenciar tais conceitos tão complexos. Habermas (2003, p.98) diz:

O limiar entre esfera privada e esfera pública não é definido através de temas ou relações fixas, porém através de *condições e comunicações modificadas*. Estas modificam certamente o acesso, assegurando, de um lado, a intimidade e, de outro, a publicidade, porém, elas não isolam simplesmente a esfera privada da esfera pública, pois canalizam o fluxo de temas de uma esfera para a outra.

Jan Gehl (2013), em sua obra cidade para pessoas, faz alguns apontamentos sobre a nova realidade das cidades contemporâneas, na qual os planejadores e gestores públicos trabalham cada vez mais para a cidade do automóvel e não para a dimensão humana. Reforça a necessidade da vivência e do caráter social das ruas e calçadas, apresentado por Jane Jacobs

há 56 anos. Jacobs (1961, p.29) define a rua e a calçada como os principais espaços públicos, e diz: “(...) se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona. ”. Além disso, as ruas conferem as cidades vitalidade, “se as cidades estão livres de violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo”.

Nas cidades contemporâneas ocorre a destituição do caráter público em detrimento do privado, com novas ressignificações dos espaços, sucedendo o aparecimento dos espaços pseudo-públicos, que são chamados pelo autor Richard Sennet (1977) *apud* Monteiro (2008, p.292) de “enclaves fragmentários” e “comunidades aprisionadas”, referindo aos espaços pseudo-públicos como os shoppings, condomínios fechados, clubes. Ainda segundo Monteiro, os espaços pseudo-públicos contemporâneos são controlados, definidos por ele como “panótico”⁵ e lugares que estão sob o “exercício do poder”.

Dicotomia: espaços públicos x espaços privados

Há uma preocupação e discussão sobre os espaços públicos contemporâneos e a utilização dos mesmos, pois é visto que devido à fatores externos, como a violência, a população tem preferido espaços com maior segurança. Para Martins (p.13, s.d.): “A insegurança nas ruas das grandes cidades provoca o surgimento de formas seletivas de sociabilidade.”

Porém, fica o questionamento acerca de até onde os novos espaços públicos de domínio privado são acessíveis a todos, e se possuem em sua essência, caráter de espaços públicos coletivos, bem como conceituado por Habermas e Arendt. Serpa (2007, p.39) questiona: “Afim, estamos diante de espaços verdadeiramente públicos ou de espaços concebidos e implementados para um tipo específico de público? ”, pois, além da insegurança, o autor aponta um processo de territorialização dos espaços, fatores que estão além da acessibilidade, chamado por ele de “barreiras simbólicas invisíveis” as quais fazem com que o espaço público não seja partilhado, mas dividido em diferentes grupos.

⁵ O conceito de panótico está relacionado à uma construção, na qual o seu design possibilita visualização total do interior apoiado em um ponto, facilitando o controle dos que estão no interior do edifício. O panótico original foi criado por Jeremy Bentham. Porém, o texto apresenta o termo utilizado na visão do filósofo Foucault, que está vinculado ao controle.

Atualmente, os poderes públicos realizam a promoção dos espaços públicos, parques públicos, praças, etc, sob ótica de cenários, paisagem, buscando somente a espetacularização dos espaços e sua auto-valorização como administração social, sem, contudo, preocupar-se com o real caráter social destas ações e as demais necessidades de identidade local da população.

O processo de falta de identidade pode ser identificado pela falta de vivência e por vezes, de interesse do Estado, em perceber os valores e significados que os espaços representam para os cidadãos, como indicado por Serpa (2007, p.38):

Todos os habitantes do espaço urbano têm seu sistema de significações em nível ecológico, expressão de suas passividades e de suas atividades. Já os arquitetos (paisagistas e urbanistas) parecem ter estabelecido e dogmatizado um conjunto de significações, elaborados não a partir do percebido e do vivido pelos habitantes da cidade, mas a partir do fato de habitar, por eles interpretado. (...). Isso também acontece porque o cotidiano se concebe como estratégia do ESTADO dirigida à as classes médias, suporte e produto desse mesmo ESTADO.

Para Oliveira e Fernandes (2011, s/p) o público e o privado estão amalgamados, onde “A esfera pública, entendida como espaço de disputas discursivas e argumentativas, cedeu espaço ao modelo determinado pelo mercado, ou seja, um modelo imposto pela esfera privada.”, contrapondo o conceito que Habermas apresentava de esfera pública como lugar de argumentação e deliberação de ideias, sendo estas características suprimidas no cenário contemporâneo onde os grupos privados detêm o controle.

O lugar de discussão pública, entendido por Habermas como esfera pública burguesa, apresentava uma forma de resposta ao momento político da época. Kristsch (2010, p.153), aponta:

(...) as reivindicações que os burgueses (que eram primordialmente pessoas privadas) faziam contra o poder público eram dirigidas não tanto à concentração da autoridade política nas mãos de um único governante, mas sim muito mais contra o próprio princípio da autoridade estabelecida [naquele momento, aceita como absoluta e incontestável].

O conceito de esfera pública e publicidade são complementares e diferentes entre si para Habermas. Segundo Kristsch, (2011, p.150) “Habermas oferece uma definição histórico-

teórica sucinta: explica que por esfera pública (*Öffentlichkeit*)⁶ deve-se entender, em primeiro lugar, um âmbito da nossa vida social; um âmbito no qual uma opinião pública (*öffentliche Meinung*) pode ser formada. ”. O conceito de publicidade é apresentado pela mesma como “*Publizität* (literalmente, publicidade), em mais de uma passagem, para expressar o princípio abstrato (especialmente, o do controle) que se manifesta no espaço social concreto, ocupado por atores sociais reais, da *Öffentlichkeit* (...)” (KRITSCH, 2011, p.153).

Sendo assim, a partir destes conceitos, a esfera pública se torna uma mediação entre o Estado e a sociedade, na qual o público detém de uma opinião pública formadora. Para Habermas a esfera pública representa um princípio da publicidade.

A partir do modelo liberal de política do Estado, ocorreu a propagação dos meios de comunicação, da imprensa e propaganda, expandindo os meios para além da burguesia. O público burguês, com ideologias iluministas perderam a exclusividade, e por consequência, a opinião pública deixou de ser um consenso racional, e passou a ter interesses privados conflituosos, conforme Kraitsch (2011, p.155)

Agora, são as organizações sociais (*gesellschaftliche Organisationen* — a grande indústria, os sindicatos) — e não mais pessoas privadas reunidas para formar um público — que passam a agir em relação ao Estado na esfera pública política — seja diretamente ou por meio de partidos políticos —, em conjunto com a administração pública.

De acordo com Serpa (2007, p.36):

Podemos falar também no desaparecimento da capacidade de assimilação e do uso público da razão, para pensar esta crise nos termos de Benjamin, Arendt e Habermas; aqui, o importante é observar a conversão de um público que outrora fizera uso cultural da razão, em um público consumidor de cultura. A publicidade comercial ultrapassa os limites do consumo de bens e passa a investir diretamente no campo político, dirigindo-se explicitamente à opinião pública, propondo sua “formação”. As sensações, o divertimento e o espetáculo são, afinal, a essência dessa “assimilação consumidora”, constituindo uma cultura que é, ao mesmo tempo, de massa e “personalizada”, centrada sobre o imediatismo e a força da auto-identificação.

Para Serpa (2007), a publicidade e o consumo, introduzidos também pela sociedade de massas, transferem um caráter individualista para a esfera pública. Ainda que a sociedade de

⁶ *Öffentlichkeit* (esfera pública), *öffentliche Meinung* (opinião pública) e *Publizität* (publicidade) são termos utilizados pelo autor em sua publicação original *Öffentlichkeit* (1964), citado por Raquel Kraitsch (2011).

massas abarque um número de pessoas “perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e separá-las.” (ARENDR, 2005, p.62)

Ainda sob o mesmo pensamento, Correia (2003, p.239) diz:

O desaparecimento da esfera pública tem como consequência o predomínio de um modelo de sociedade que impõe conformidade e isolamento, o cumprimento de comportamentos predizíveis e o estabelecimento de uma forma burocrática de governo: a sociedade de massas. (...) As pessoas não possuem nada em comum além da circunstância de serem membros de uma mesma espécie e partilharem necessidades biológicas diretamente relacionadas à sobrevivência individual de espécie.

Desta forma, configura-se a sociedade como “operária”, como definido por Arendt (2005, p.12), “A era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária”.

Embora houve a emancipação do trabalho, o mesmo não ocorreu com classe trabalhadora, e por consequência, Correia (2003, p.240) aponta:

O risco que permanece sempre presente é o de que a emancipação do trabalho em vez de promover uma liberação da necessidade, promova, talvez paradoxalmente, a completa sujeição de todos à necessidade, pois quanto mais se livram do trabalho, se submetem ao consumo.

Considerações Finais

Como resultado, obteve-se o alinhamento entre alguns conceitos e vertentes de pensamento acerca do processo histórico da construção dos espaços públicos.

A partir do estudo dos conceitos desenvolvidos por Habermas acerca do espaço público literário como manifestação burguesa, desapontou-se na conflituosa relação entre as esferas públicas e privadas, no contexto dos espaços públicos.

É importante salientar a dicotomia do papel da publicidade na esfera pública burguesa, palco de discussões e transmissão de informações, em contrapartida da sociedade contemporânea, onde está ligada ao consumo e manipulação realizada pela classe hegemônica.

Devido a influência da publicidade e o desenvolvimento das sociedades de massa, o espaço se tornou um lugar de desencontros, onde se consagra o individualismo em detrimento ao coletivo, a desvalorização do público em contrapartida de uma superestima do privado.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah,. **A condição humana**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. ISBN 85-218-0255-2

FERREIRA, Calebe da Costa, *et al.* **Análise da evolução da metodologia utilizada nos artigos publicados na revista: contabilidade & finanças**. – USP. XXII Semead - Empreendedorismo e inovação, São Paulo. 2009.

FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004. (consulta de conceitos)

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia** – entre facticidade e validade. II vols. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2ªed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009. Coleção MUNDO DA ARTE.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In> DEL RIO, V.; DUARTE, C.R.; RHEINGANTZ, P.A. (Orgs). **Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contracapa/PROARQ, 2002.

KRITSCH, Raquel. **Publicidade e esfera pública nos escritos políticos de Habermas dos anos 1960: do princípio ao espaço social**. Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM, nº24 – maio/junho/julho/agosto de 2011 – ISSN 1519-6178.

MARTINS, Fabio Peres de Berredo. **Da esfera pública burguesa à nova ordem social: o papel dos media**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-fabio-esfera-publica-burguesa.pdf>>,s.a, acesso em 05 Set. 2017

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Felipe Carreira da. **Espaço Público em Habermas**.2001, Cambrigde. Disponível em: < http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22584/1/ICS_FCSilva_Espaco_LAN.pdf> , acesso: 30 Set. 2017

SILVA, Luise Martins da. **ESPAÇO PÚBLICO E CIDADANIA**. Uso e Manifestações Urbanas. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

OLIVEIRA, Luiz Ademir de; FERNANDES, Adélia Barroso. **Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana.** Revista Estudos Filosóficos nº 6 /2011 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967. DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG Pág. 116-130 . Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art8_rev6.pdf>, acesso: 02 de Set. 2017

OLIVEIRA, Vânia Aparecida Rezende de. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** CADERNOS EBAPE. BR, v. 8, nº 4, artigo 12, Rio de Janeiro, Dez. 2010 p. 784-788.

*Recebido em 01 de junho de 2017.
Aceito em 01 de julho de 2017.*